

APONTAMENTOS SOBRE “CIDADES DA PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL”

VINICIUS SODRÉ MALULY¹

Pensar a patrimonialização global enquanto processo e como fenômeno espacial que se universaliza é o desafio assumido para o pensamento sobre as novas práticas de planejamento direcionadas a cidades-patrimônio. A espetacularização dessas, no ato do patrimonializar, está em vívido debate há alguns anos, sob óticas interdisciplinares diversas (Jeudy, 2005; Choay, 2006). Nesse viés, a realização de uma crítica a esse processo, que problematize o discurso da materialidade do espaço e compreenda a organicidade da cidade e o seu ordenamento territorial, é fundamental para que se avaliem os contornos que a patrimonialização adquire no século XXI e, ademais, construir uma tese propositiva aos habitantes de cidades mercantilizadas via patrimônio que seja embasada na realidade urbana por eles vivenciada.

O livro *Cidades da patrimonialização global: simultaneidade totalidade urbana – totalidade-mundo* do geógrafo brasileiro Everaldo Batista da Costa, publicado em 2015, trata dos usos e das apropriações do território urbano no contexto do processo que denomina patrimonialização global. Como se dá o reordenamento territorial (em totalidade) dos centros históricos de seletas cidades do mundo e da vida das populações locais é a questão de matriz eminentemente geográfica a ser respondida. O autor, nesse intento, parte do método dialético (e, enquanto teoria geográfica, da dialética espacial) para questionar a essência e a aparência, o trato do território urbano, a partir da categoria totalidade, cara à Geografia Crítica.

A seguir, apresentamos as três partes que constituem o livro, indicando, sinteticamente, os motes centrais desenvolvidos pelo autor em cada uma delas.

I. DIALÉTICA DA MEMÓRIA E AS CIDADES-PATRIMÔNIO NO BRASIL

Na primeira parte do livro, Costa define *patrimonialização global e dialética da memória* para a compreensão da relação urbanização vs. tomada econômico-cultural da cidade antiga. A patrimonialização global é entendida como vetora de uma ordem patrimonial universal, a qual incide sobre os acontecimentos no e do território; pelo método dialético, o autor problematiza a verticalidade da patrimonialização global face às horizontalidades próprias à memória, ao uso e às apropriações populares do território e de setores da cidade. Já a dialética da memória é constituída enquanto «a memória coletiva

¹ Mestre em Geografia pelo Departamento da Universidade de Brasília, UnB – Brasília, DF, 70910-900, Brasil. E-mail: vmaluly@gmail.com

ou individual, o conhecimento, a religião, a passagem dos ritos e costumes, junto à urbanidade canibal que ressignifica os lugares da vida». Diante disso, «é possível o esquecimento de fatos e de coisas do mundo urbano ante o esforço de sua renovação, requalificação, reconstrução ou rememoração» (Costa, 2013, p. 88-98; Costa, 2015, p. 114-115).

A arte e o urbanismo barrocos são elementos materiais e simbólicos que conduzem à análise da ressignificação processual cidadina, por trazer como pano de fundo Ouro Preto e Diamantina – dois dos mais importantes núcleos urbanos coloniais portugueses da ampla zona mineradora brasileira¹. A periodização proposta pelo autor, para analisar a ressignificação histórica dessas cidades, se dá em cinco fases correlatas:

“1. As cidades coloniais como particularidade de *um* devenir universal vinculado ao período mercantil moderno (...); 2. As cidades coloniais como territórios de identidade, quando o barroco é reconhecido como símbolo cultural do novo Estado-nação (...); 3. As cidades coloniais como territórios de identidade do capital, com a incipiente projeção mercantil do barroco (...); 4. As cidades coloniais como cidades-patrimônio-mercadoria (...); 5. As cidades coloniais barrocas – como possibilidade de vir a ser – de empoderamento dos bens materiais e simbólicos por parte da população.” (Costa, 2015, p. 59).

Costa, então, investiga os efeitos territoriais promovidos pela patrimonialização global com respeito aos princípios geográficos da escala, dos sítios e das situações espaciais. Apresentam-se as cidades em dupla e paradoxal função, face à dialética da memória: produtoras de *identidade* no cotidiano que alimenta a memória individual, representantes de pretensa identidade coletiva por meio das cidades e pela memória açambarcada como *identidade do capital*.

II. GESTÃO URBANA E RECOLONIZAÇÃO DOS CENTROS HISTÓRICOS

Na segunda parte do livro, Costa correlaciona a patrimonialização às instâncias globais de seu financiamento, às intervenções territoriais e polemiza a ideia de preservação no século XXI; problematiza o reordenamento das cidades sob o jugo do capital financeiro e situa o papel universal do Comitê do Patrimônio Mundial, órgão da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que instituiu o Patrimônio da Humanidade desde 1972 e define as principais diretrizes preservacionistas a serem aplicadas aos bens chancelados pelo organismo.

Reconhece uma verdadeira Geografia do Patrimônio Mundial a qual, em certa medida, nos países do Sul, cataliza desigualdades que se encontram nas cidades tornadas objeto do mercado patrimonial global, universalizando-as e fragmentando-as, simultaneamente. Isso se torna aparente no trato da memória, no uso do território, na apropriação e na espetacularização da própria cidade, sendo esse processo composto por sequências dialéticas que fazem dele dinâmico, retroalimentar e complexo.

O apoderamento territorial soberano, propulsado pela patrimonialização global, via recolonização de centros históricos, estabelece e é estabelecido na esteira do desenvolvimento geográfico desigual, ao gerar distinções e concentrações inerentes ao movimento do capital. Esse desenvolvimento é simbolizado e materializado na concentração de bens patrimoniais até hoje inscritos: a metade deles (49%) reduzida à região (definida pela própria UNESCO) de América do Norte/Europa. A outra metade dos bens é distribuída pelas demais regiões do mundo – Ásia/Pacífico (21%), América Latina e Caribe (14%), África (9%) e Estados Árabes (7%).

Ao final da segunda parte, Costa demonstra como a patrimonialização global – enquanto conceito e processo – rebate, efetivamente, no território urbano, tendo como casos Ouro Preto e Diamantina. Elabora uma cartografia inédita reveladora da lógica de recolonização do centro histórico, com a espa-

cialização de um forte setor de serviços voltado ao atendimento turístico, mas casada com a estética barroca e a teatralidade histórica que fomentam, paradoxalmente, a periferação da população dessas cidades, provocando uma *decomposição* do território em prol da *universalização* daquilo que se tem por “cidade histórica” (Costa, 2015, p. 320).

III. DIALÉTICA DO ESPAÇO E TOTALIDADE

A terceira parte do livro é a síntese dialética da obra, resultado e produto de uma tese e de uma antítese demonstradas anteriormente. A simultaneidade totalidade urbana – totalidade-mundo é o próprio processo espacial discutido ao longo do livro, pois ambas as totalidades remetem à causalidade inerente à patrimonialização enquanto projeto universal, empreendida sob auspícios do capital, em uma realidade de uso (e desuso) local. A confluência e o rearranjo das diversas esferas de poder inerentes à realidade vivida espacialmente, somadas à persuasão da arte e do símbolo recriadas no barroco e fomentadas pela gestão e pela ideologia capitalista, reproduzem, em constante interação, uma periferia urbana enquanto elemento estabelecido nessa totalidade dialético-espacial tão cara à tese do autor.

Nesta última parte, a periferação é discutida no contexto da segregação socioespacial produtora de uma urbanização marginal e precária, contraposta à valorização e à valoração empreendidas nos centros históricos, para o caso das cidades brasileiras analisadas. Nas palavras do autor:

(...) dialeticamente, a cidade histórica se universaliza e se decompõe, pois os mecanismos que servem à sua universalização (que catalizam o processo de patrimonialização, projetando-as globalmente) são os mesmos que a divide, simultaneamente, o que favorece a fragmentação articulada do território urbano e um imaginário coletivo distorcido sobre o Patrimônio Mundial, quando as ações público-privadas convergem para a área de tombamento. (...) Vigora uma visão distorcida e fragmentada de território urbano, preservação patrimonial e mesmo de cidade histórica (nas escalas médias e pequenas do urbano). (Costa, 2015, p. 26)

IV. PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

Os desdobramentos últimos da proposta apresentada originam-se da definição lógica de que há duas decorrências concebíveis com base na patrimonialização global: 1) uma “*banalização pela cenarização progressiva* de sítios históricos”; 2) uma “potência universal de ressignificação dos lugares” (Costa, 2015, p. 452). Esta última é incorporadora, paradoxalmente, da *possibilidade* de superação e de sobrepujamento da cidadania diante do contexto globalizador dos sítios patrimoniais e produtor das contradições urbanas. Para que ambos os entendimentos se realizem em totalidade, é destacada a urgência em se conceber, na teoria e na prática, a “cidade histórica” em seu movimento totalizante, para além do centro declarado, incluindo as periferias e a sua vida cotidiana à análise patrimonial global, instâncias essas que exigem aproximação multidimensional do fato urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Choay, F. (2006). *A alegoria do patrimônio* [The allegory of patrimony]. São Paulo: Editora da UNESP.
- Costa, E. B. (2016). A paisagem barroca como memória estética nacional [The baroque landscape as national aesthetic memory]. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, V(51), 67-87. doi: [10.18055/Finis4292](https://doi.org/10.18055/Finis4292)
- Costa, E. B. (2015). *Cidades da patrimonialização global: simultaneidade totalidade urbana – totalidade-mundo* [Cities of global patrimonialization: simultaneity urban totality – totality-world]. São Paulo: Humanitas, FAPESP.
- Costa, E. B. (2013). Intervenções em centros urbanos no período da globalização [Interventions in urban centers in the period of globalization]. *Cidades (Presidente Prudente)*, 9, 86-117.
- Jeudy, H. (2005). *Espelho das cidades* [Mirror of cities]. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

¹ Também em Costa (2016) há um importante debate geográfico sobre a paisagem barroca no Brasil e na América Latina.